

Palavra de Sarney

Frederico Branco

A memória não é propriamente um dos fortes do brasileiro comum. Alçado a postos públicos, ela se torna ainda mais débil. E quando o cidadão chega à Presidência da República — mesmo por artes menos eleitorais do que hospitalares — os resquícios de memória desaparecem completamente, sem deixar vestígio.

Não se trata, no caso, de teoria. É o que acontece na realidade, como pode ser comprovado por quem quer que se dê ao trabalho de consultar o exemplar do **Jornal da Tarde** editado há um ano, em 2 de janeiro de 1988, que transcreve uma série de declarações e promessas formais do presidente Sarney, desde sua posse.

● ...“o descontrole que enfrentamos resulta, em grande medida, da inexistência de um orçamento único que, discutido pela sociedade e aprovado pelo Congresso Nacional, seja discutido com todo o rigor...”

● ...“o déficit potencial de cerca de 110 trilhões de cruzeiros (ainda não tinha sido inventado o milagre da transformação dos cruzeiros em cruzados) será reduzido a aproximadamente 50 trilhões de cruzeiros, no maior esforço, já conhecido, de ajustamento do setor público...”

● ...“após décadas de crescimento conduzido pelo gasto público, o país tem de proceder ao ajustamento do setor público, eliminando a ineficiência e a sua expansão avassaladora...”

● ...“não tivemos déficit público nestes dois meses; não emitimos nenhum título de dívida mobiliária do governo. As taxas de juros foram reduzidas. O orçamento está sendo rigorosamente cumprido. Só vamos gastar o que estiver dentro do orçamento...”

● ...“o desempenho da administração pública é insatisfatório. Sua organização, seus métodos de ação e procedimentos de rotina são inadequados. Para dar solução a esses desequilíbrios e distorções, tomaram-se medidas de curto, médio e longo prazos... A redução do déficit público — medida aceita como indispensável para que se inicie nova fase de crescimento sustentado, com ênfase na retomada do investimento privado — ocorre no momento certo...”

● ...“é profissão de fé de meu governo que onde a liberdade econômica tombou não tardaram a tombar as liberdades políticas. O Estado deve dar meios e condições para o setor privado se exercitar. A austeridade e o rigor são partes componentes do esforço de saneamento de nossas atividades não apenas econômicas mas também políticas...”

● ...“o governo austero, respeitado, está imprimindo (?) cada vez mais um sistema de economia de gastos, reduzidos ao essencial. O déficit público, em conta corrente do governo, que em 85 foi de 1,3% do PIB, em 86 será de 0,6%. As estatais estão sob controle. As contas públicas ajustadas. Estamos trabalhando na racionalização da administração pública e em breve a reforma administrativa começará a dar frutos...”

● ...“acho que o problema da reforma administrativa não deve ser visto só pelo lado dos funcionários,

até mesmo porque o Brasil, se compararmos com outros países, não tem um número excessivo de funcionários públicos. O que nós não temos é a prestação de serviços à sociedade na razão que ela merece. Por quê? Porque a máquina administrativa é desmotivada. Nós estamos preparando a administração pública para dar suporte a este grande Brasil que nós estamos construindo a cada dia...”

● ...“fala-se que o governo não contribui com sua parte. De início, esta noite, eu afirmo três pontos como início da contribuição do governo. Durante seis meses, o governo só gastará o que arrecadar. As empresas estatais somente farão investimentos com recursos gerados com suas próprias receitas ou recursos já identificados, efetivamente disponíveis; vamos proceder a uma revisão global dos subsídios...”

● ...“o governo vem dando exemplos de austeridade, tendo economizado, através da redução de funcionários e do enxugamento da máquina administrativa, o equivalente a US\$ 1 bilhão em 86...”

● ...“nós temos um governo de austeridade... O governo não é uma festa. Não podemos criar a falsa impressão de que o governo é capaz de reduzir o déficit público com um simples ato. O país se acostumou ao subsídio, achando que o Estado é uma flauta mágica que pode tudo...”

● ...“combate total à inflação em todos os setores, cortando-se centavo por centavo dos gastos públicos supérfluos; investimentos em obras produtivas e reprodutivas; vigilância severa sobre verbas públicas e punição exemplar de desonestidade, seja de quem for...”

● ...“o governo se propõe a fazer um grande esforço de contenção de seus dispêndios de custeio e investimento. Para dar o exemplo, o presidente anuncia que adiará, por seis meses, a construção da Ferrovia Norte-Sul, os pólos petroquímicos do Sul e do Rio de Janeiro, a Ferrovia da Produção, 60% do programa siderúrgico (inclusive a Siderúrgica do Maranhão), 25% do programa ferroviário e portuário, a Usina Nuclear de Angra II...”

● ...“o governo também vai ter sua parte no plano, o seu sacrifício. Ele vai ter que economizar, cortar gastos, passar a pão e água. Tem de cortar subsídios, tem de ferir interesses, mas vamos fazer e o povo sabe que não me falta determinação...”

Tudo isso, e muito mais, constava de declarações do presidente transcritas pelo **Jornal da Tarde** na sua primeira edição de janeiro de 1988. Tudo assegurado, prometido e reiterado. E o que temos, um ano depois, neste início de 1989? Assegurações, promessas e reiterações ficaram apenas no papel e na retórica. O resto parece ter sido varrido da memória presidencial, mais rapidamente do que o valor do Cruzado por ele inventado.

Há como duvidar dessa perda de memória? Não se pode. É palavra de Sarney.

Frederico Branco é jornalista